

Ars
Mythica

PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquimia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

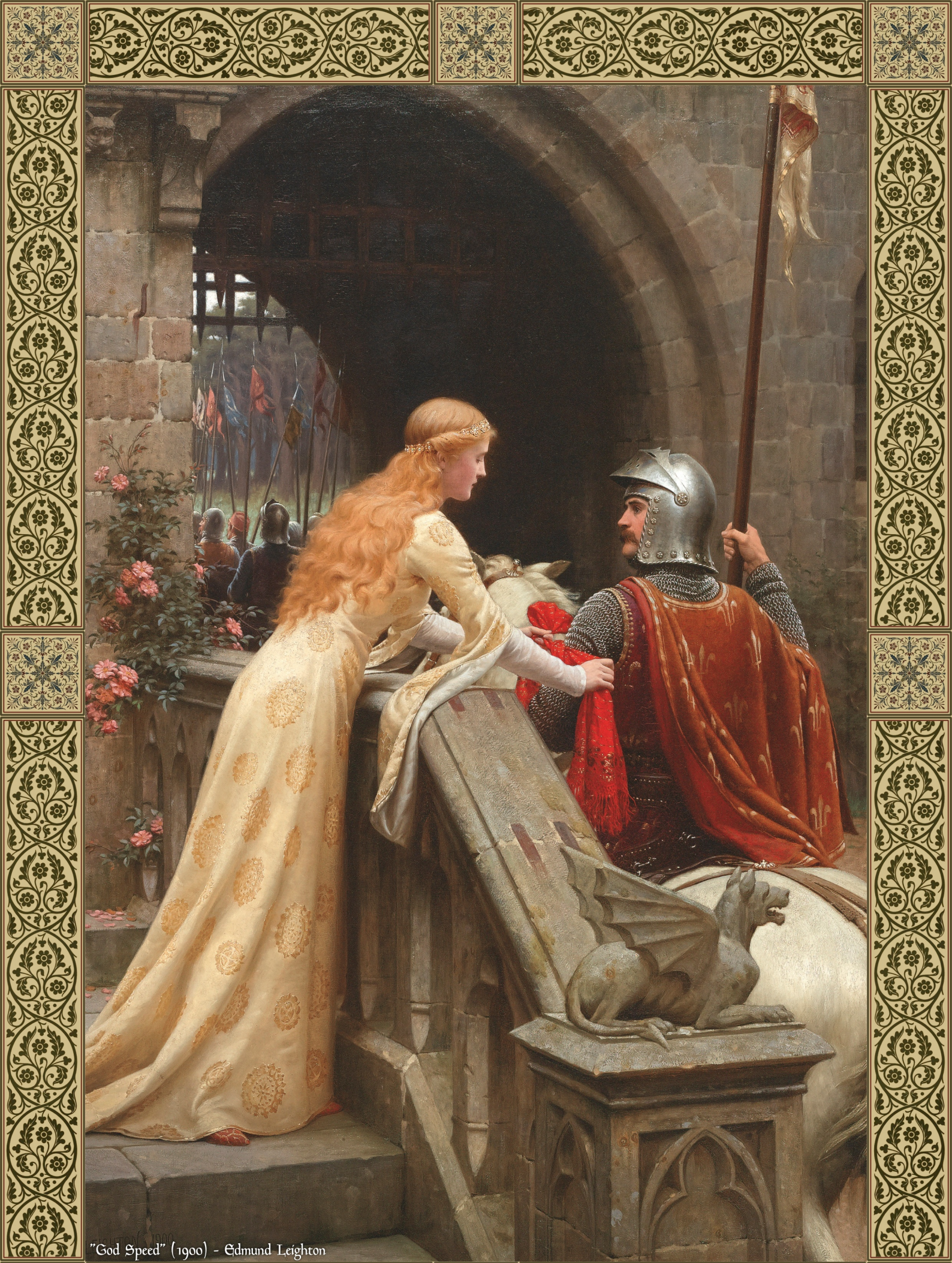
Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"God Speed" (1900) - Edmund Leighton

Capítulo 1:

MITO E SÍMBOLO

1. Nós, humanos, somos seres de mito e lenda.
2. Construímos nossos mundos, sociedades e até a nós mesmos através das histórias que contamos e compartilhamos. Nelas habitamos e com elas crescemos e aprendemos.
3. Fazemos isso não por sua utilidade ou propósito, mas simplesmente por serem histórias e, exatamente por isso, é delas que nasce toda utilidade e propósito.
4. Histórias não podem ser observadas de fora, impassivelmente: aquele que ouve seu contar torna-se imediatamente contador, pois deseja ele próprio contá-la, na medida em que foi capturado.



"The Storyteller" (1881) - Manuel Muñoz y Otero

5. Assim, a história modifica aquele que ouve tanto quanto é por ele modificada, a cada instância de seu contar.

6. Cada história que nos captura arrasta para um novo mundo, um novo tempo e uma nova vida, despertando no profundo da alma a lembrança de coisas antigas e há muito tempo esquecidas. Irresistível é o fisgar da história certa na hora certa.

7. Entendemos, a cada passo dado, que a nossa própria história converge para uma jornada mítica pessoal em andamento, onde saímos do conforto da normalidade, penetramos nas Cavernas Escuras do Desconhecido, enfrentamos o Dragão da Sombra e reclamamos o Tesouro da Essência, retornando à superfície purificados e transformados.

SIGNIFICADO

8. Histórias não possuem significado e tampouco são desprovidas dele. Elas revelam de acordo com a forma que olhamos.

9. Aquele que busca na história um significado definitivo, acaba por destruí-la, encontrando nela apenas o próprio reflexo. Aqui, quanto menos se busca, mais se encontra.

10. Não contamos histórias porque possuem significado, mas porque elas dão significado à experiência, formando o substrato mítico sobre o qual estruturamos nossa compreensão multifacetada da realidade, e contendo os termos implícitos pelos quais a interpretamos.

11. Mesmo a mais concreta percepção e o mais lógico raciocínio são contingentes às histórias que aprendemos a contar para nós mesmos.

12. Não apenas a história é compreendida em termos das percepções, mas as percepções são compreendidas em termos da história e, de fato, dependem dela. Verdadeiramente, não há percepção sem uma história para explicá-la.

13. Perceber o mundo é construir o mundo e, através desse mundo construído, percebemos o mundo.

14. Um mundo construído em pobreza de histórias é vazio e confuso; que cuide o incauto para não ser arrastado pelo torpor da banalidade ao fundo de um abismo de niilismo e depressão.

15. Boas histórias conduzem a um mundo preenchido com significado e propósito, onde as mesmas coisas passam a ser vistas de uma forma diferente: mais ampla, profunda e eficaz. Tudo se torna vivo, luminoso e sagrado.



"Stella Maris" (1912) - Georg Kau

16. A água pode ser meramente água ou pode ser um elo sensível de uma cadeia simbólica que entrelaça a Taça, a Mulher, a Lua, a Prata e o Espelho, estendendo-se até o mistério do infinito, às Águas Prístinas da Criação, à Água da Vida e ao Dilúvio Purificador.

O SAGRADO

17. Assim como as histórias são a porta para o significado, o significado é a porta para o sagrado.

18. Acolher as histórias sobre algo é olhá-lo como repleto de significado, com isso tomando-o sagrado, e o eco dessa percepção é um preenchimento jubiloso na alma.

19. Porém, reificar essas histórias, ou seja, vê-las como literais, sólidas e definitivas, é uma perigosa ilusão que leva ao fanatismo; assim como niilificá-las, ou seja, vê-las como falsas e vazias, é uma ilusão pesarosa que leva à depressão.



"Midsummer Eve" (1908) - Robert Howard Hughes

20. Pelo olhar de quem olha, todas as coisas podem ser consagradas ou profanadas.

21. O Sábio aprendeu a reificar e a nulificar à vontade uma história, pois um dia esvaziou-se delas e, percebendo não ser nenhuma, apoderou-se de todas.

22. O Sábio, vendo ambas as ilusões, aprendeu a caminhar no espaço entre elas.

23. Olha para o mundo e, ao invés do vazio, reconhece a profundidade infinita das coisas; ao invés do cheio, reconhece seu infinito potencial de significado.

24. Nem cheio e tampouco vazio, mas Mistério.

O PROFANO

25. Todos gostamos de histórias, mas a Criança gosta mais.

26. Ela veste e despe personagens, entrando e saindo das histórias a seu bel-prazer, pois é a única que retém plena ciência da história como jogo, e do jogo como brincadeira.

27. Sabe brincar porque é menos empírica e mais arquetípica em sua compreensão da realidade e, já habitando no sagrado, não carece de religião.

28. O Adulto, porém, é naturalmente conduzido ao oblivio no profano pela ordinariiedade repetitiva do cotidiano, exigindo um reforço ativo da sacralidade para restaurar o equilíbrio, uma necessidade que perdura enquanto não se é capaz enxergar o sagrado no comum, e o mundano no especial.

29. Para isso, o Adulto construiu a religião e a colocou sobre suas histórias. Assim, religião é aquilo que o reconecta a elas e o recapacita a experimentar o sagrado do mundo.

30. Toda história que lhe é importante assume caráter sagrado, elicitando reverência religiosa e projetando no mundo os símbolos de sua devoção.

31. O especialista na história se toma uma pessoa sagrada, um sacerdote; os que vivem exemplarmente a história tomam-se heróis; os locais-chave tomam-se sagrados e templos são erigidos sobre eles ou em imitação; os momentos-chave tomam-se sagrados e passam a ser imitados dramaticamente em rituais: tudo isso é poderoso, a verdadeira matéria-prima da religião.

32. O Adulto protege com o fervor dos zelotes suas histórias e projeções contra a blasfêmia, temendo perder sua ainda frágil ligação com o sagrado.

33. Assim como o Destino está no ponto diametralmente oposto à Origem, e o especial se contrapõe ao banal, o Adulto constrói sua religião em contraposição ao que vivencia no cotidiano, para chocar a si mesmo.

33. Se vivencia o profano como cinza e alienante, sua religião será ricamente colorida e complexa; se o vivencia fervilhante e variado, sua religião será austera e simples;

34. Porém, se experimentar excessos de pragmatismo e objetividade no profano, sua espiritualidade será leviana e imprática, apenas um alívio paliativo para tolerar o dia seguinte, incapaz de produzir transformações genuínas.



"Descanso" (1896) - Henryk Siemiradzki

35. O ferrão do sofrimento existencial, contudo, continuará a doer no profundo até ser arrancado, e as histórias continuarão a ser criadas, contadas e recontadas, mantendo aberta a porta para o sublime.

RELEVÂNCIA

36. O sacerdote pode ser especialista numa história particular, mas a Criança é especialista em todas elas, e particularmente boa em reconhecer de imediato seu valor axiológico: algumas histórias são mais interessantes que outras.

37. Aquele que é uma pessoa normal e levou uma vida normal do nascimento à morte, tendo brincado as brincadeiras que as outras crianças brincavam, escolhido um trabalho comum e pouco desafiador, casado-se com uma pessoa igualmente normal e feito tudo o que dela se esperou, é a antítese de um protagonista que valha o título, ainda que tamanho excesso de normalidade seja por si só um prodígio digno de investigação.

38. Embora nada haja de errado com a mediocridade, nela não há crise ou transformação, nada o que aprender. A repetição da média, do ordinário, não precisa ser computada: seu maior mérito, afinal, é ser parâmetro para o desvio.

39. O repetitivo não combina com a consciência e toma-se rapidamente um tormento para ela, que clama por significado e propósito. Aos poucos se recolhe, apagando-se conforme nos acostumamos com a mesmice, num abraço aconchegante de inconsciência que dissolve o tempo e concede a bênção do esquecimento.

40. Por isso aprendi a dormir, esquecer e morrer: inferno é a consciência obrigada a lidar com repetição, e a inconsciência, com o novo.

41. Como um mar de onde emerge e para onde retorna, a jornada do herói começa onde termina a normalidade, e termina onde ela recomeça.

A Busca

42. Assim como o herói busca em sua jornada, nós também buscamos, impelidos pela inquietação existencial de existir no tempo. De fato, o herói, a consciência e a busca são uma e a mesma coisa.

43. Ironicamente, não sabemos muito bem o que buscamos. Buscamos no amor, no conhecimento, na religião, nos quatro cantos do mundo, inexoravelmente seduzidos por onde quer vislumbramos alguma pista para a resposta do



"Parsifal" (1930) - Martin Wiegand



"A Donzela do Santo Graal" (1874) - Dante Gabriel Rossetti

enigma do mundo.

44. Acima de tudo, buscamos aprender com aqueles que buscaram antes de nós, através das histórias que deixaram.

45. Ironicamente, a busca não é pela resposta, de nada adiantaria se a ouvíssemos, porque não saberíamos a pergunta que ela responde: a verdadeira busca é pela pergunta.

46. Sem saber formular a pergunta, estamos cegos para a resposta.

47. Quando enfim aprendemos como formulá-la e no momento certo a pronunciamos no centro do mundo, a pergunta responde trivialmente a si mesma. A busca, como Parsifal no Castelo do Graal, chega a seu termo.

A vida não tem sentido.
Cada um de nós tem sentido
E nós trazemos isso para a vida.
É desperdício fazer a pergunta
Quando você é a resposta.
-Joseph Campbell

48. O ocidente pergunta: "como conquistar a morte e obter a vida eterna?". O oriente: "como encerrar a tirania do sofrimento e ser verdadeiramente feliz?". O Animal, ainda: "como

sobreviver o suficiente para me reproduzir?".

49. A lógica vacila em confusão ao tentar formular a pergunta em seus termos, porém, no nível dos símbolos, sabemos exatamente o que buscamos.

50. A Criança, que nunca deixou sua imaginação ser limitada pelo precário intelecto, diz: "Sei, assim como qualquer outra como eu, que minha busca é descobrir como derrotar o Dragão e salvar a Donzela de seu cativeiro. Sei-o desde que nasci, e meu Animal partilha dessa compreensão."

51. O corpo compreende os símbolos e responde intensamente a eles. Situações específicas especificam significados, mas permanece válido o simbolismo e, precisamente por isso, poderoso.

52. O Dragão é morte, entropia, tirania e sofrimento: o grande devorador dos homens identificado com o "Mal". A vida eterna, felicidade, êxtase e beleza se combinam na Donzela, representada como um Cálice Sagrado: a epítome do "Bem".

53. Via um simbolismo que recorre nos quatro cantos do mundo desde a aurora da humanidade, a busca torna-se o que sempre foi, clara como cristal.



"Dragão Negro" - Ciruelo Cabral

O SÍMBOLO

54. O símbolo esclarece onde a razão se confunde, mediando entre inconsciente e consciente, entre abstrato e concreto.

55. Mitologizamos a realidade através de símbolos para lidar com os vastos e indomáveis oceanos informacionais que correm pelo inconsciente, inapreensíveis ao processar pela razão.

56. Símbolos falam à alma, dando base à linguagem sintética que permeia a arte e a religião, em contraste à linguagem analítica do cientista e do legislador, que cerceia o significado em aversão ao ambíguo, ao passo que a primeira quer abri-lo, pois aponta para o indizível.

57. Os símbolos mediam nos dois sentidos: mito e rito.

58. Em mitos fala-nos o inconsciente, pelo sonho, a fantasia, a intuição e a inspiração, revelando ele próprio os termos simbólicos em que se dará a conversa.

59. Em ritos respondemos, imitando dramaticamente o mito revelado, despertando os complexos de informação que lhe estão associados e agitando poderosas forças internas, que se movem em resposta.

60. Nossas histórias, ao mesmo tempo em que nos conduzem, estão misteriosamente ao nosso dispor.

61. Mito e Rito, as duas vias da ponte mesocósmica de símbolos que liga o concreto ao abstrato, permitem comunicação real e eficaz entre esses mundos tão díspares, mas, justamente por isso, acompanha-lhe de perto o risco.



CONSILÊNCIA

62. Enquanto o aspecto literal das coisas é válido apenas na contingência de sua afirmação, o simbólico permanece válido em outras instâncias, entrelaçando estratos concretos e abstratos de realidade.

63. O Cálice, além da representação trivial de si mesmo, simboliza "aquilo que se busca" na jornada. Seja o Néctar da Taça de Zeus, o



"Leap of Faith" em "Indiana Jones and the Last Crusade"

Sangue de Cristo no Santo Graal, a regeneração do Caldeirão de Dagda, ou de Dionísio, a purificação das Águas do Lethe ou ainda o alquímico Elixir da Imortalidade.

64. A propriedade de manter-se válido em mais de uma instância chamamos consilência: quanto maior essa amplitude de validade da coisa, mais elevado é o nível ontológico de sua habitação, e mais real ela é.

65. Um extremo é o evento que, embora real, o é apenas no instante singular em que se manifesta; e o outro é o arquétipo, válido dentro de todo o espectro da experiência no espaço e no tempo.

MITOLOGIZAÇÃO

66. Mitologizar extrai aquilo que é consiliente.

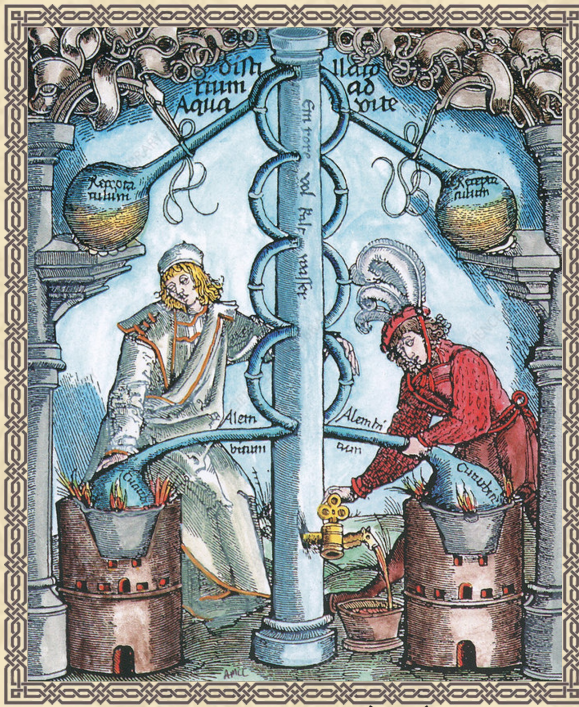
67. A informação experiencial sempre se acumula e a tudo ameaça envolver num emaranhado ininteligível de complexidade, então aprendemos a descartar o irrelevante, tal como a repetição e o ruído.

68. Como numa destilação alquímica, tentamos extrair das experiências aquilo que é mais real e, sendo assim, continuará a orientar a busca.

69. A narrativa histórica é contingencialmente verdadeira porque aponta para o evento, temporal, enquanto a mítica aponta para o arquétipo atemporal, buscando ser verdadeira sempre. O mítico, paradoxalmente, é mais real que o histórico.

70. Diz-se que enquanto a narrativa histórica parte da verdade para contar a mentira, a mítica parte da mentira para contar a verdade.

71. Na medida de sua distância, mitologizamos o que excede a experiência imediata e ordinária, no espaço, no tempo e em qualquer outra esfera do



Destilação, "Coelum Philosophorum" (sec. 16) - Paracelso

desconhecido: o incerto transborda em mito, e circunscribe o mundo.

72. Emblemáticas são as terras distantes, a terra natal e a terra prometida; assim como os tempos distantes, em especial a origem e o fim, das coisas, da tribo, do mundo e de si mesmo.

Os QUATRO NÍVEIS DAS HISTÓRIAS

73. Quatro são os níveis das histórias, conforme seu grau de consiliência: relato, ficção, mito e metamito.

74. O primeiro patamar é o do relato e da biografia, concreto e acessível com o significado bruto da experiência, própria ou de outrem. O repetitivo já é omitido e, na formação da memória, individual e coletiva, o implacável Tempo condena ao olvido o irrelevante.

75. O segundo é o da ficção, fantasia e sonho: destilando e refinando o significado de muitos relatos e biografias, a imaginação tece com símbolos sua própria história, abrindo mão da concretude para torná-la mais real.

76. O terceiro é o dos mitos e contos de fada: duplamente destilados e refinados, são incrivelmente antigos e de significado puro, pois houve tempo para o irrelevante ser esquecido por completo. Expressam o arquetípico, que se veste com matizes culturais específicas, em maturação por séculos para abstrair o próprio néctar da

experiência fenomênica.

77. O quarto e último patamar não é ocupado por uma história, mas uma metahistória: o metamito ou Jornada do Herói, convergência do significado abstraído de todas as mitologias e, ao mesmo tempo, origem de todas elas. É a história arquetípica, fôrma sem forma de todas as outras.

78. Os relatos e biografias falam de pessoas comuns e são literais; as ficções e fantasias falam de heróis, em simbolismo pessoal; os mitos e contos de fadas falam de deuses, em simbolismo coletivo; o metamito, por sua vez, é sobre arquetipos e seu simbolismo é universal.

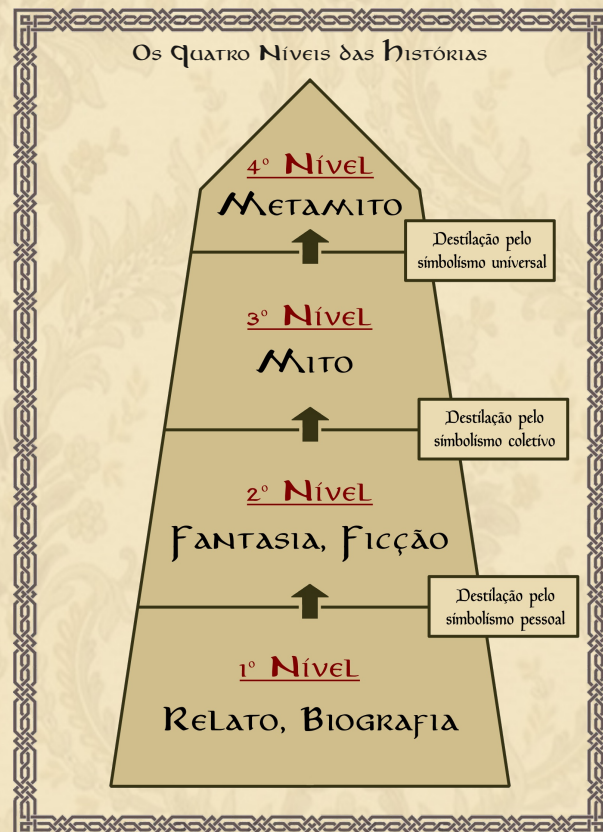
79. Através dessas quatro camadas de histórias e quatro níveis de simbolismo, a realidade é tecida.

Nível	Símbolismo	Personagens	Mundo
Metamito	Universal	Arquetipos	Ideias
Mito	Coletivo	Deuses	Conceitos
Ficção	Pessoal	Heróis e Santos	Formações
Relato	Literal	Pessoas comuns	Matéria

Tabela 1.1 - Os Quatro Níveis das Histórias

O RELATO

80. Relato é a vida no ordinário da matéria, por vezes frustrante e banal, onde nunca se vai tão



longe quanto almeja o desejo de amor, sucesso e sabedoria.

81. Carregando lembranças de seus sonhos, o homem habita esta Terra, poeticamente, pois nela se esconde em semente o arquetípico.

82. Todavia, sob grande mistura: muitas jornadas superpõem-se em ciclos dentro de ciclos, e ciclos além de ciclos, mobilizadas pelo entrelaçar de incontáveis cadeias de causas e condições, a partir das mútuas projeções de realidade dos seres sujeitas à inescapável mácula da entropia.

83. Tal sopa de símbolos só coalesce direção naquele que se dispõe a alinhar Livre-arbítrio, Destino e Providência, reclamando a herança que é, por direito e dever de nascimento, sua: o papel de protagonista da própria história.

84. Há quem solucione um problema, por simples que seja, não para si, mas para todos; há quem se transforme profundamente ao aprender a lidar com a catástrofe; há quem crie profunda e inspiradora beleza; há muitos outros e há também aquele que simplesmente passa adiante a tocha, acesa.

85. O Caos foi enfrentado com sucesso e a extinção das possibilidades, adiada: uma história digna de ser ouvida, pois quem melhor para conduzir pelo inverno que aquele que atravessou

muitos deles?

86. Em minha imaginação, o Relato é vivo e sempre novo: tendo lido a sabedoria de mil vidas, vivi-as todas dentro mim.

A Ficção

87. A Ficção provém das matérias do sonho, entretecidas pela imaginação a partir da essência destilada de muitos relatos e biografias.

88. A mente que se expressa invariavelmente insere a si mesma em suas criações oníricas, nelas deixando uma marca indelével de sua própria estrutura.

89. Elas simplesmente são, e são o que são, mas interpretá-las ajuda a enxergar.

91. A destilação purifica as misturas que tipificam o nível anterior, separando e tomando mais claros os papéis, em especial o herói-protagonista e o vilão-antagonista.

92. Uma boa destilação faz ressoar o arquetipo e engaja o inconsciente profundo, mas a esse poder de captura paga-se o preço da abstração, que afugenta qualquer análise definitiva.

93. A ficção mitifica o humano e humaniza o



"The Fellowship in Hollin", detalhe (2017) - Donato Giancola

mítico, abrindo uma relação pessoal com os santos e heróis de suas histórias. Exemplares, mas não inalcançáveis, nem deuses e tampouco pessoas comuns.

94. A virtude do herói é alvo mais alcançável que a perfeição do deus, e as ficções são jornadas de transformação profunda em busca da primeira. Um arco pobre ou disforme garante tornar esquecível a narrativa.

95. Os elementos de fantasia surgem naturalmente, como nos sonhos, mas o absurdo surpreende por se manter compreensível e interessante, uma vez que aponta, não para o literal, mas para a virtude abstraída: linhas gerais de ação e transformação pessoal que adiam a extinção das possibilidades.

96. A ficção não é real como o é um punhado de areia, mas hiper-real como a arte do matemático.

97. Se operado novamente sobre as ficções, o processo de purificação por destilação leva-nos aos mitos, e então ao metamito.

O MITO

98. O Mito se revela conforme as ficções saltam de mente em mente, contadas e recontadas ao longo de séculos em uma segunda destilação, operada agora pelo coletivo, e alcançando ainda maior pureza.

99. Somente uma história contada para fins de si mesma pode alcançar o status de mito.

100. Pouco a pouco desvanece o irrelevante e o temporal, somente o que se alinha ao arquetípico é lembrado, amalgamado e preservado. Nos mitos, nada é supérfluo, são significado puro em incontáveis camadas de interpretação e epifania.

101. Os papéis, ainda mais purificados,



"A Disputa de Netuno e Minerva" (sec. 17) - Jacob Jordaens



"The Accolade" (1901) - Edmund Leighton

desembocam em deuses e personificações cada vez mais inequívocas de bem e mal até uma dialética entre metaherói e metavilão, como Cristo e o Diabo.

102. Os mitos não são apenas linhas amplas de transformação e resolução, eles apontam para metassoluções dos grandes metaproblemas existenciais.

103. São conhecimentos eternos e universalmente aplicáveis, sínteses pré-rationais do necessário para orientar na vida e nas inevitáveis crises que espreitam pelo caminho.

104. Tão poderosas histórias tornam-se sagradas, verdadeiras sementes da religião autóctone, abrindo uma linguagem para os poderes do mundo.

105. Nos passos dos povos do mundo, as histórias sagradas interagem umas com as outras, na paz ou na guerra, engendrando novas histórias.

106. Ainda que o mito se disfarce de relato, vestindo como ancestrais seus deuses e heróis, e



"Viking Above the Clouds" (2020) - Joseph Freely

apresentando sua mitologia como cronologia, não é impossível traçar sua continuidade das tradições mitológicas anteriores. Aquele que apela à mente concreta para as coisas do abstrato paga o perigoso preço do literalismo.

107. O auge do mito é o conto de fadas, na vanguarda das cadeias narrativas. Muitos são incrivelmente antigos, sobreviventes milenares de mitologias esquecidas, preservando sua essência santa despida até mesmo da roupagem cultural, apontando diretamente para o metamito.

O METAMITO

108. A história Única se desdobra no paradoxo: ela é todas as histórias e ao mesmo tempo história nenhuma, uma fôma sem forma numênica onde são forjadas as histórias contadas em fenômenos.

109. É a alma vivificante de toda história, ensinando nada menos que o caminho para vencer o Caos, que investe continuamente contra a Criação na ânsia de devorá-la em uma extinção derradeira das possibilidades da experiência.

110. O Caos, porém, nunca é o mesmo, assim como o desafio que ele apresenta e a história do herói que surgirá para superá-lo: a luta contra o Caos não pode ser vencida, mas tampouco abandonada.

111. Eis a Fênix Venturosa como símbolo da Vitória: sempre viva, mas sempre em nova forma, pois a única vitória possível é a eterna transformação em uma dança de auto-atualização com a realidade.

112. Sendo arquétipo, o metamito transcende a racionalidade, tentar encerrá-lo em linguagem ou fórmula definitiva esvazia justamente daquilo que se tentou capturar.

"O Caminho que se pode falar
Não é o verdadeiro Caminho.
O Nome que pode ser nomeado
Não é o eterno Nome."
- Tao Te Ching, I

113. Assim, o Mago caminha ao redor do arquétipo, sem nunca fechar um círculo, semeando seus números e colhendo as epifanias que lhe concede a Graça Divina.

114. Do número Dois, colhe a fórmula Solve et Coagula, ou V.I.T.R.I.O.L..

115. Do Três, colhe a fórmula das 3 Cores: Nigredo, Albedo e Rubedo.

116. Do Quatro, obtém a fórmula das 4 Cores, acrescentando o Cítrinitas antes do Rubedo.

117. Do Sete, a fórmula da Transmutação Metálica, que leva o Chumbo ao Ouro, pelos 7 Planetas.

118. Do Doze, a fórmula das 12 Operações Alquímicas na Jornada do Sol pelo Zodíaco.

119. Do Vinte e Dois, a fórmula da Jornada do Louco pelos 22 Arcanos Maiores do Tarot;

120. Do Trinta e Seis, a fórmula dos Arcanos Menores e, similarmente, todo número rende seu fruto.

ALÉM DAS HISTÓRIAS

121. O que está além das histórias, está além do horizonte por trás do horizonte: é o Absoluto Desconhecido.

122. Verdadeiramente inconcebível, até os símbolos se calam diante do Mistério dos Mistérios, que de tão profundo apenas o Silêncio o compreende.

123. O Mistério que está além das histórias e o Silêncio que o compreende são justamente o que antecede a Palavra e permite seus discursos, em primeiro lugar.

124. A partir do Mistério, a Palavra pronuncia sobre o Silêncio a existência de todas as coisas.



"Grey Havens", detalhe - Alan Lee

